

Ingresso de capital zero

O Banco Central informou ontem que o estoque de capital estrangeiro de risco no Brasil atingiu, ao final de 1986, 27,9 bilhões de dólares. O ingresso efetivo de capital de risco atingiu, em dezembro último, o saldo histórico de 19,18 bilhões de dólares, enquanto os restantes 8,72 bilhões de dólares representaram o reinvestimento dos lucros gerados pelas aplicações iniciais.

De acordo com as estatísticas do Banco Central sobre o estoque de capital estrangeiro, os investimentos novos aumentaram, no ano passado, 7 por cento e os reinvestimentos, 12,6 por cento. Mas essa variação refletiu basicamente a desvalorização do dólar norte-americano frente a outras moedas fortes. A simples contabilização da variação cambial ampliou o estoque de capital de risco europeu e japonês.

O mapa do fluxo de aplicações de risco da divisão de balanço de pagamentos do Banco Central indica que, em 1986, os investimentos estrangeiros líquidos não passaram de insignificantes 2 milhões de dólares, com ingresso de 638,7 milhões de dólares para repatriação de 636,7 milhões de dólares. Os reinvestimentos efetivos de lucros gerados pelo capital estrangeiro alcançaram 448,6 milhões de dólares.

Segundo o Banco Central, 74,5 por cento do capital estrangeiro estão concentrados na indústria de transformação: material

de transporte, 14,6 por cento; química, 14,4 por cento; mecânica, 8,9 por cento e metalurgia, 7,8 por cento. O setor de serviços absorveu 19,1 por cento das aplicações de risco e a atividade primária — agricultura, pecuária, pesca e indústria extrativa mineral — 3,6 por cento.

Por países, os Estados Unidos detêm 28,7 por cento do total do capital estrangeiro existente no Brasil. Seguem a Alemanha Ocidental, com 15,7 por cento; Japão, 19,3 por cento; Suíça, 8,4 por cento; Reino Unido, 5,3 por cento, e Canadá, 5,2 por cento.

A Associação Brasileira de Bancos Comerciais Estaduais (Asbace) reúne hoje e amanhã, no Hotel Araçoa, cerca de 40 diretores e chefes de departamento da área de câmbio dos 25 bancos associados para discutir entre si e com técnicos do Banco Central a ampliação de suas operações cambiais e de transações com o exterior.

O diretor-executivo da Asbace, Juarez Cancado, e o chefe-adjunto do departamento de câmbio do Banco Central, Marco Aurélio de Melo Vieira, farão as palestras de abertura do encontro. A Asbace pretende incentivar o uso das dependências externas dos bancos dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais pelos outros 20 bancos estaduais para as operações de câmbio e de comércio exterior.